

Distribuição espacial das atividades econômicas no Sul do Brasil na primeira década do século XXI: novas dinâmicas, velhas geografias em um paradigma globalizado

Lucir Reinaldo Alves*

Eduarda da Silva Marques da Costa**

Resumo

O objetivo principal deste artigo é analisar a evolução da distribuição das atividades econômicas nas mesorregiões do Sul do Brasil entre 2000 a 2010. Como metodologia utilizou-se o Quociente Locacional. A variável utilizada foi o número de pessoas ocupadas distribuídas por atividades econômicas e classificadas de acordo com a OECD/Eurostat. Os resultados mostraram que o número de pessoas ocupadas aumentou 29,59% e a distribuição espacial das atividades revelou uma concentração significativa nas regiões metropolitanas representando um padrão de distribuição das atividades econômicas que é altamente hierarquizada e ainda dependente das metrópoles.

Palavras-chave: Atividades econômicas; Distribuição espacial; Geografia econômica; Economia regional; Sul do Brasil.

* Professor da UNIOESTE e doutorando no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território – Lisboa (lucir_a@hotmail.com).

** Doutora em Planeamento Local e Regional pela Universidade de Lisboa. Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT). Centro de Estudos Geográficos. Professora Associada no IGOT e coordenadora do Grupo de Pesquisas em Modelação, Ordenamento e Planeamento Territorial (MOPT) (www.ceg.ul.pt; www.mopt.org.pt). (eduarda.costa@campus.ul.pt).

The spatial distribution of economic activities in southern Brazil in the first decade of the XXI century: new dynamics, old geographies in a globalized paradigm

Abstract

The main objective of this paper is to analyze the evolution of the spatial distribution of economic activities in the mesoregions of southern Brazilian, from 2000 to 2010. In order to develop this study, two techniques of regional analysis were used: the location quotients and the shift-share analysis. The variable considered in the study was the number of people employed divided by economic activity sectors and classified according to the OECD/Eurostat. The results demonstrated that the total number of employed people grew by 29.59% and the spatial distribution of the activities reveal to continuo significantly concentrated in metropolises, depicting a distribution pattern of economic activities that is highly hierarchical and still dependent on the metropolis.

Key words: Economic activities; Economic geography; Regional economy; Spatial distribution; Southern brazil.

Introdução

Num contexto cada vez mais caracterizado pela globalização e internacionalização da economia, as regiões que mais se beneficiam são as metropolitanas e as grandes aglomerações urbanas, devido principalmente as externalidades de aglomeração e de urbanização existentes nessas regiões. Geralmente são nestas regiões que as atividades mais intensivas em conhecimento e alta tecnologia tendem a se concentrar.

Por outro lado, nos últimos anos cidades de médio porte com perfil de alta especialização também tem sido capazes de competir nos mercados nacionais e internacionais. Marques da Costa (2000) menciona que essas cidades podem desempenhar funções ou especializações que lhes permitem afirmar-se internacionalmente,

para se integrarem em uma rede lógica e para transformar seu espaço em um espaço geográfico de fluxos. O perfil industrial de algumas regiões e as transformações produtivas causadas pela utilização cada vez maior de tecnologia e conhecimento, explicam em parte a localização desses tipos de atividades nessas regiões.

No caso do Sul do Brasil as principais transformações ocorreram após 1960, período em que a porção oeste desse território foi completamente colonizada e ocupada economicamente. Os Planos Nacionais de Desenvolvimento (I e II PND) implementados nesse período resultaram em um significativo número de mudanças na estrutura produtiva regional. De uma base econômica tipicamente rural e tradicional, o Sul do Brasil passou a mecanizar o seu setor primário e a industrializar sua produção, bem como aumentar a participação do setor de serviços e da população residente das áreas urbanas.

As áreas que apresentaram maior concentração de população e de atividades urbanas (indústrias, comércios e serviços), entretanto, foram pouco dispersas. Com a mecanização da agricultura nos anos 1960 e 1970, o êxodo rural resultou no aumento da participação em termos de população total em poucos pontos da rede urbana. Ao mesmo tempo, a estabilização da economia nos anos 1990 e a liberalização econômica, que começou no final dessa década e foi reforçada nos anos 2000, proporcionou a dinamização de outras áreas devido ao crescimento de indústrias, especialmente aquelas ligadas as cadeias produtivas regionais de carnes e grãos.

É nesse contexto que o objetivo desse artigo é determinar em qual extensão o processo de reestruturação esteve associado a expansão das indústrias e serviços com grande incorporação de tecnologia e conhecimento. Outro objetivo é determinar até que ponto este padrão de localização de atividades, intensivas em tecnologia e conhecimento, reflete o processo de metropolização observado em algumas regiões do Sul do Brasil. Finalmente, e de forma complementar para os dois objetivos anteriores, busca-se determinar a influência da distribuição espacial das atividades

ALVES, L.R. & COSTA, E.S.M. da. Distribuição espacial das atividades ...
econômicas nas regiões do Sul do Brasil entre 2000 a 2010 na
tendência de urbanização.

Revisão de literatura

Quando se analisa a distribuição das atividades econômicas no espaço, as primeiras teorias mencionadas são aquelas referentes as teorias clássicas da localização. Essas teorias apresentam um conjunto de trabalhos de certa forma sequenciados que vão de Von Thünen (1826) a Isard (1956). Nessas teorias há uma influência visível ao conceito de “livre mercado” e a principal ênfase dada é sobre as decisões locacionais ótimas das firmas quando se avalia, principalmente, o papel dos custos de transporte. Conforme ressalta Cavalcante (2008) não era escopo dessas teorias explorarem as externalidades decorrentes da aglomeração das atividades em uma determinada área, nem os *trade-offs* entre ganhos de escala e custos de transporte.

Após a Segunda Grande Guerra, a revolução a nível produtivo acentuou as diferenças regionais nas distribuições de rendimentos, tornando-se uma das principais preocupações dos teóricos regionais (MARQUES DA COSTA, 1992). Nesse contexto, as externalidades provenientes da aglomeração industrial ganharam um papel de destaque nas teorias de desenvolvimento regional. As teorias mais citadas pela literatura quando se aborda o desenvolvimento regional são o “polos de crescimento” de Perroux (1955), a “causação circular e cumulativa” de Myrdal (1957) e os “efeitos para trás e para frente” de Hirschman (1958).

De forma genérica, o processo de desenvolvimento regional nessas teorias seria melhor quanto maiores fossem os efeitos positivos resultantes desse processo. Dentre esses efeitos podem ser destacados os relacionados ao efeito multiplicador de renda e de consumo, o multiplicador de demanda setorial e em cadeia, tanto vertical como horizontalmente das principais opções produtivas regionais. Devem-se ressaltar os efeitos positivos advindos da própria aglomeração industrial: como a minimização

de custos de transporte, exploração das infraestruturas econômicas e sociais, exploração da demanda produzida pelo aumento do emprego e do multiplicador de renda, dentre outros efeitos.

Conforme ressaltado por Capello (2007) a concentração espacial da atividade econômica é uma concentração territorial da produção que gera desenvolvimento mais eficientemente do que a resultante quando as atividades são dispersas. Assim, a concentração espacial é a fonte dos retornos crescentes em forma de economias de aglomeração, externalidades tecnológicas, e processos de aprendizagem localizados. Todos esses são elementos que aumentam a competitividade das empresas locais e promovem o desenvolvimento local.

Ao mesmo tempo, os sistemas econômicos tornaram-se cada vez mais internacionalizados e globalizados, intensivos em conhecimento, reestruturando economias e os hábitos de consumo dos agentes sociais e econômicos, a tal ponto que os teóricos do desenvolvimento regional e distribuição das atividades econômicas têm incluído esses elementos em seu desenvolvimento teóricos. Muitas regiões e empresas aproveitaram as oportunidades e tornaram-se mais competitivo do que outras. Para outras, a abertura da economia mostrou pouca ou nenhuma capacidade de competição em um mundo globalizado (PIKE, RODRIGUEZ-POSE & TOMANEY, 2006).

É nesse contexto que as teorias mais recentes em desenvolvimento regional esforçam-se para incorporar modelos e abordagens que possam dar conta dos novos padrões de produção baseados na automação integrada flexível e dos movimentos de abertura comercial e desregulamentação econômica. As economias regionais são mais abertas ao comércio do que as economias nacionais, assim como a mobilidade dos fatores são maiores entre as regiões do que entre as nações. Conforme apontado por Pontes e Salvador (2009) esse é o escopo da “nova geografia econômica” (com Krugman a cabeça) analisando as razões das especializações econômicas e da competitividade das cidades e das regiões.

A “nova geografia econômica” ressaltou os fatores não econômicos como sendo algumas das explicações para o melhor desempenho de algumas regiões, e da distribuição das atividades econômicas no espaço. Para além da abundância de mão de obra e a oferta de *inputs* como determinantes das especializações produtivas, os recursos produtivos, a tecnologia e as externalidades também são determinantes, assim como a história econômica e outros fatores não econômicos.

As teorias mais recentes sobre competição regional trazem novas explicações para as diferenças de desempenho regionais. Para Camagni (2002) as vantagens específicas estrategicamente criadas pelas empresas individuais, as sinergias territoriais e a capacidade de cooperação reforçada por uma administração pública criativa e pró-ativa, as externalidades fornecidas por governos locais e nacionais e as especificidades historicamente construídas por uma cultura territorial são fatores estratégicos para o sucesso regional em um mundo globalizado e cada vez mais competitivo. Teorias recentes apoiam-se no conceito de capital social (CAMAGNI & CAPELLO, 2012) ou nos movimentos da nova geografia econômica para entender a distribuição espacial das atividades econômicas, de capital e empregos (DICKEN, 2011, SCOTT & STORPER 2003, MENDEZ, 1997, e CICIOTTI, 1998).

Com o processo de globalização as regiões tiveram suas estruturas produtivas reestruturadas, fazendo emergir um conjunto de regiões com formas de organização próprias, para produzir para o mercado regional e internacional. Aqui estão incluídas as regiões que têm incorporado o processo de globalização e transformado suas estruturas produtivas, a fim de responder às demandas criadas externamente (internacionalmente). Podem-se destacar os incentivos para instalação de empresas multinacionais ou entrada de capitais internacionais de várias formas diferentes. Num contexto de globalização e internacionalização da economia, as regiões que mais se beneficiam são geralmente aquelas onde se localizam as grandes cidades. Ribeiro, Silva & Rodrigues (2011) afirmam que as áreas metropolitanas podem ser consideradas

aglomerações urbanas que incorporam as características das novas funções de coordenação, comando e direção das grandes cidades na emergente "economia de rede" com a globalização e reestruturação produtiva.

Enquadramento da área e elementos metodológicos

Esse artigo analisará as mesorregiões homogêneas dos três Estados que formam a Região Sul do Brasil. A mesorregião é uma subdivisão regional criada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no final dos anos 1960, e cada mesorregião congrega diversos municípios de uma área geográfica. Esses municípios possuem similaridades econômicas e sociais, mas não constitui uma entidade política ou administrativa. O Sul do Brasil conta com 23 mesorregiões conforme mostra a Figura 1.

O instrumento que será utilizado para determinar os setores mais especializados nas distintas mesorregiões é o Quociente Locacional, o QL, que é o mais difundido na literatura. Esse quociente mostra o comportamento locacional dos ramos de atividades, assim como, aponta os setores mais especializados (potenciais) nas mesorregiões analisadas, comparando essas mesorregiões a uma macrorregião de referência, o Sul do Brasil. Além disso, uma das vantagens do QL é apontada por Pumain e Saint-Julien (1997) que afirmam que ao utilizar o peso relativo dos ramos de atividades econômicas, o QL anula o efeito “tamanho” das regiões. Por isso, eles permitem o cálculo de indicadores confiáveis.

O cálculo do QL exige a escolha de uma variável. Segundo Alves (2012) a escolha dessa variável deve levar em consideração àquela que apresente a menor possibilidade de enviesar os resultados. A variável será o número de empregados distribuídos por setores de atividades econômica, divulgado pelos microdados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010. Em ambos os casos a disponibilização foi feita pelo IBGE (Instituto de Brasileiro de Geografia e Estatística).

Figura 1: Identificação das mesorregiões do Sul do Brasil



Fonte: Resultados da Pesquisa.

Devido a grande subdivisão setorial apresentada pelos microdados dos censos demográficos, os setores foram agrupados segundo a classificação avançada conjunta da OECD/Eurostat, apresentada por Marques da Costa (2008), para definir os setores tecnológicos e intensivos em conhecimento, estruturando-se da seguinte forma: setor primário; no setor secundário: indústrias extrativas; indústria da construção civil; SIUP (Serviços Industriais de Utilidade Pública); indústrias de alta tecnologia; indústrias de média-alta tecnologia; indústrias de média-baixa tecnologia; e, indústrias de baixa tecnologia; no setor terciário: serviços intensivos em conhecimento e alta tecnologia; serviços intensivos

em conhecimento; e, serviços pouco intensivos em conhecimento – total; esse último setor foi desagregado nos seguintes: comércio; transporte; alojamento e alimentação; administração pública; e, outras atividades.

O QL informa quantas vezes o setor i é mais (ou menos) importante, ou especializado, para a mesorregião j vis-à-vis a macrorregião de referência. Tradicionalmente, a importância da mesorregião j no contexto macrorregional, em relação ao setor estudado, é demonstrada quando o QL assume valores acima de 1. Nesses casos o setor será considerado especializado. O contrário ocorrerá quando o QL for menor que 1.

Levando-se em consideração as seguintes definições: PO_{ij} = Pessoas Ocupadas, no setor i da mesorregião j ; PO_{jt} = Total de Pessoas Ocupadas, na mesorregião j ; PO_{it} = Pessoas Ocupadas, do setor i no Sul do Brasil; PO_{tt} = Total de Pessoas Ocupadas, no Sul do Brasil. A fórmula é a seguinte:
$$QL = \frac{PO_{ij} / PO_{jt}}{PO_{it} / PO_{tt}}$$

A dinâmica setorial do Sul do Brasil no início do século XXI – o padrão de evolução setorial

Na década de 2000 a 2010, o número total de pessoas ocupadas aumentou 29,59%, ou seja, um incremento de 3.253.561 pessoas. De forma geral, os setores com maiores participações no total geral eram aqueles que apresentavam menor tecnologia (no caso dos industriais) ou menor intensidade de conhecimentos (no caso dos serviços e comércio).

No ano de 2000 os setores com maior participação no total eram os de serviços, sendo que o total desse setor representava 55,07% do total geral nesse ano. No ano de 2010 essa participação aumentou para 60,21%. A participação desse setor aumentou em detrimento da participação principalmente do setor primário, que representava no total 19,92% no ano de 2000 passando para

15,15% no ano de 2010; seguido do setor secundário com 25,01% e 24,64%, respectivamente.

Uma análise interna do setor secundário mostra que as atividades das indústrias de baixa tecnologia e da construção civil eram quem mais participaram na criação de ocupações em valores absolutos. Porém, os setores com maior variação no período foram o SIUP e as indústrias de média-baixa tecnologia.

No setor terciário, percebe-se que os ramos com maiores participações no total são os relativos aos serviços pouco intensivos em conhecimento. Neste setor, o comércio e as outras atividades são as que apresentam maior número absoluto de pessoas ocupadas. Em termos relativos, os serviços intensivos em conhecimento e alta tecnologia apresentaram a segunda maior variação para o período.

Tabela 1: Número de pessoas ocupadas, por ramos de atividade, percentual de variação e participação setorial no total, para a região Sul do Brasil – 2000/2010

Setores	2000	2010	2010 / 2000	% part. 2000	% part. 2010	(% 2010) - (% 2000)
SETOR PRIMÁRIO	2.190.276	2.158.645	-1,44%	19,92	15,15	-4,77
Indústrias extrativas	28.812	37.277	29,38%	0,26	0,26	0,00
Ind. Construção Civil	751.285	1.002.041	33,38%	6,83	7,03	0,20
SIUP	69.727	136.587	95,89%	0,63	0,96	0,32
Ind. de alta tecnologia	36.600	36.902	0,83%	0,33	0,26	-0,07
Ind. de média-alta tecn.	208.070	210.834	1,33%	1,89	1,48	-0,41
Ind. de média-baixa tecn.	347.980	506.215	45,47%	3,16	3,55	0,39
Ind. de baixa tecnologia	1.308.188	1.581.892	20,92%	11,90	11,10	-0,80
SETOR SECUNDÁRIO	2.750.662	3.511.748	27,67%	25,01	24,64	-0,37
Serv. Int. em conhec. e alta tecnologia	113.216	189.731	67,58%	1,03	1,33	0,30
Serv. int. em conhec.	1.746.101	2.466.140	41,24%	15,88	17,31	1,43
Serv. pouco int. em conhec. (SPIC) - TOTAL	4.195.966	5.923.518	41,17%	38,16	41,57	3,41
Comércio	1.780.628	2.398.259	34,69%	16,19	16,83	0,64
Transporte	441.659	555.466	25,77%	4,02	3,90	-0,12
Alojamento/Aliment.	403.902	440.381	9,03%	3,67	3,09	-0,58
Adm. Pública	512.340	643.986	25,70%	4,66	4,52	-0,14
Outras Atividades	1.057.437	1.885.426	78,30%	9,62	13,23	3,61
SETOR TERCIÁRIO	6.055.283	8.579.389	41,68%	55,07	60,21	5,14
Total Sul Do Brasil	10.996.221	14.249.782	29,59%	100,00	100,00	0,00

Fonte: Resultados da Pesquisa.

Quando se conjuga a taxa de variação das pessoas ocupadas entre 2000 e 2010 com a importância relativa de cada setor no ano de 2010, identificam-se seis grupos de setores com dinâmicas diferenciadas, quais sejam:

- Setores com dinâmica de crescimento superior à média regional:

A. Ramos com média-baixa importância em termos peso no emprego total (0,96% para o SIUP, 1,33% para os Serviços intensivos em conhecimento e alta tecnologia e 13,23% para o setor das outras atividades) e cuja dinâmica de crescimento no período de 2000 a 2010 foi muito superior à média nacional (superior a duplicação);

B. Ramos com média-baixa importância em termos peso no emprego total (Indústrias extrativas com 0,26%, Ind. Construção Civil com 7,03%, Ind. de média-baixa tecn. com 3,55%, Serviços intensivos em conhecimento com 17,31%, comércio com 16,83%) e cuja dinâmica de crescimento no período de 2000 a 2010 foi superior à média nacional;

C. Ramos com alta importância em termos peso no emprego total (Serviços pouco intensivos em conhecimento – TOTAL com 41,57% e o setor terciário como um todo com 60,21%) e cuja dinâmica de crescimento no período de 2000 a 2010 foi superior à média nacional

- Setores com dinâmica de crescimento inferior à média regional:

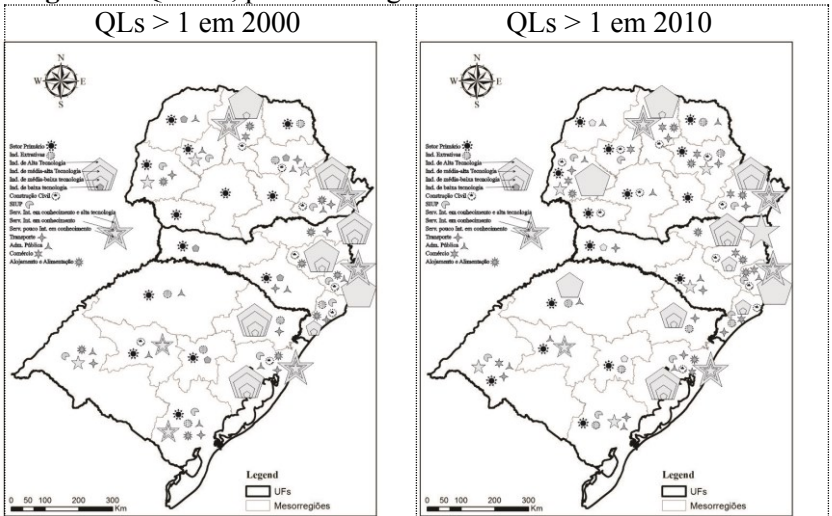
D. Ramos com baixa importância em termos peso no emprego total (transporte com 3,90%; alojamento e alimentação com 3,09%; e adm. pública com 4,52%) e cuja dinâmica de crescimento no período de 2000 a 2010 foi inferior à média nacional;

E. Ramos com média-alta importância em termos peso no emprego total (Ind. de baixa tecnologia com 11,10% e o setor secundário como um todo com 24,64%) e cuja dinâmica de crescimento no período de 2000 a 2010 foi inferior à média nacional;

F. Ramos com média-baixa importância em termos peso no emprego total (setor primário com 15,15%; Ind. de alta tecnologia com 0,26%; e a Ind. de média-alta tecn. com 1,48%) e cuja dinâmica de crescimento no período de 2000 a 2010 foi quase nula ou negativa;

Quando se analisa a distribuição espacial dessas atividades, os resultados estão apresentados na Figura 2.

Figura 2: QLS > 1, por mesorregiões do Sul do Brasil – 2000/2010



Fonte: Resultados da Pesquisa.

Os setores apresentados no grupo (A) apresentaram grande variação para o período e estão localizados nas regiões metropolitanas dos três Estados, bem como na parte Sul do Rio Grande do Sul e a porção Oeste e Norte do Paraná. Percebe-se que do centro do Paraná até o centro do Rio Grande do Sul as atividades com maior variação não são relativamente tão importantes.

O grupo (B) apresentou bom desempenho quando se observa a variação no período, mesmo sendo atividades com média-baixa

participação em termos de participação relativa no total de pessoas ocupadas. Mais uma vez as mesorregiões com maior destaque nesses ramos se localizam nas regiões metropolitanas e em poucos lugares do interior da região Sul.

Em relação ao grupo (C) dos Serviços pouco intensivos em conhecimento – Total percebe-se que a localização das mesorregiões com maior destaque nesse setor pouco se modificou no período analisado. A maior parte das mesorregiões se consolidou. Percebe-se duas fileiras: no Paraná da mesorregião Metropolitana de Curitiba passando pelo Norte Central até o Oeste do Paraná. Nessa fileira a mesorregião Centro Ocidental perdeu participação relativa em 2010. A outra fileira está localizada na porção sul do Rio Grande do Sul entre as mesorregiões Metropolitanas de Porto Alegre até o Sudoeste. Além dessas duas fileiras destacou-se também a mesorregião da Grande Florianópolis em ambos os anos e em 2010 a mesorregião Serrana.

O setor de transportes se consolidou nas mesorregiões que se destacaram em 2000, sendo que para o ano de 2010 as mesorregiões Norte Central Paranaense e Oeste Catarinense passaram a pertencer a esse grupo. Ao contrário o Norte Catarinense perdeu participação relativa.

O setor que mais mostrou mudanças espaciais e que mais se concentrou foi o de alojamento e alimentação. Formou-se uma fileira entre as mesorregiões da Grande Florianópolis e o Norte Central Paranaense. Além das mesorregiões pertencentes a essa fileira o Oeste Paranaense e a Metropolitana de Porto Alegre também se destacaram.

No caso da administração pública esse setor apresentou poucas mudanças em relação a sua distribuição espacial. A maioria das mesorregiões do Rio Grande do Sul apresentaram resultados elevados nesse setor, juntamente com as mesorregiões da Grande Florianópolis e a Serrana. No Paraná as três mesorregiões que se destacaram nesse setor foram o Noroeste, o Norte Pioneiro e o Centro-Sul. Interessante destacar que a grande maioria das

mesorregiões com $QL > 1$ em 2010 não eram metropolitanas, com exceção da Grande Florianópolis.

As indústrias de baixa tecnologia possuem média-alta participação no total de pessoas ocupadas do Sul do Brasil, mas quando se analisa a participação dessas atividades industriais no total do setor industrial a participação é elevada, representando 45,05% do total. A distribuição espacial dessa atividade sofreu pouca alteração para o período.

O setor primário é quem apresentou a maior participação no total de pessoas ocupadas do Sul, porém é o setor que apresentou o pior desempenho com relação a variação e que apresenta maior dispersão espacial. De forma geral somente as mesorregiões metropolitanas não se destacaram nesse setor.

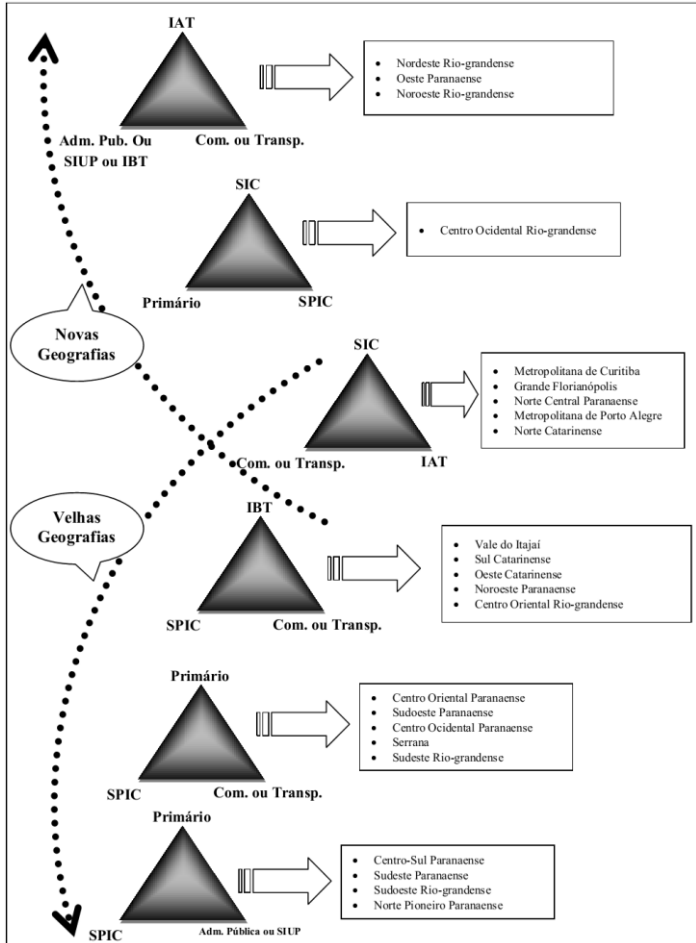
O contrário ocorreu com os setores das indústrias de alta tecnologia onde se percebeu uma concentração nas mesorregiões metropolitanas dos três Estados, além do Oeste do Paraná. As indústrias de média-alta tecnologia também apresentaram uma concentração em mesorregiões metropolitanas além do Noroeste e do Nordeste do Rio-Grande do Sul.

A partir dos resultados dos QLS pode-se agrupar o conjunto de mesorregiões de acordo com o desempenho setorial apresentado no período de 2000 a 2010, destacando quais apresentam uma estrutura produtiva pautada em setores tradicionais (velhas geografias) ou estruturas produtivas diferenciadas, as novas geografias. Esse agrupamento é apresentado pela Figura 3.

Foi possível constatar 6 grupos de mesorregiões onde quatro deles se associam as velhas geografias e os demais às novas geografias. Porém, tem-se um grupo, o das mesorregiões metropolitanas, que estão associados aos dois tipos de geografias.

As mesorregiões metropolitanas todas apresentam serviços intensivos em conhecimento e indústrias de altas tecnologias, juntamente com o setor de comércio ou transportes. A localização dessas mesorregiões, bem como o perfil de aglomeração econômica e demográfica que possuem ajudam explicar a localização desses setores.

Figura 3: Perfil mesorregional, velhas geografias e novas geografias



Fonte: Resultados da Pesquisa.

Notas: IAT = Indústrias Alta Tecnologia, IBT = Indústrias de Baixa Tecnologia, SIC = Serviços Intensivos em Conhecimento, SPIC = Serviços Pouco Intensivos em Conhecimento.

No grupo de Velhas Geografias encontram-se ainda as mesorregiões que possuem uma estrutura produtiva pouco intensiva em conhecimento e de baixa-tecnologia, e no geral são mesorregiões onde o setor primário/indústrias extrativas e os serviços públicos (SIUP e Adm. Púb.) tem maior participação na geração de empregos.

No conjunto de mesorregiões das Novas Geografias encontram-se duas características interessantes:

A primeira é a mesorregião Centro-Occidental Rio-Grandense que apresenta uma estrutura produtiva onde os serviços intensivos em conhecimento e os serviços pouco intensivos em conhecimentos estão diretamente relacionados com o setor primário. Seria de se esperar que no lugar do setor primário estivesse alguma atividade terciária mais especializada, como o transporte ou o comércio.

O último conjunto de mesorregiões é o que apresenta em sua estrutura produtiva setores industriais de alta tecnologia associados com o transporte e/ou o comércio, e setores da atividade pública ou indústrias de baixa tecnologia. Foram três as mesorregiões que apresentaram essas características: o Nordeste Rio-Grandense, o Oeste Paranaense e o Noroeste Rio-Grandense.

Conforme destacam Alves e Marques da Costa (2013) as atividades que mais ocupam pessoas em cada uma das mesorregiões consideradas como as Novas Geografias são distintas, principalmente quando se avalia os setores de alta tecnologia. Enquanto nas regiões metropolitanas existe uma predominância da construção e montagem de veículos/embarcações nas demais mesorregiões o setor de alta tecnologia está relacionado a fabricação de máquinas e equipamentos, ou a farmoquímica, ou a fabricação de cabines. Isso pode estar relacionado com as indústrias de baixa tecnologia existentes nessas mesorregiões que, no geral, também se relacionam com as atividades agroindustriais existentes.

Conclusão

Considerando os principais objetivos deste trabalho, pode-se concluir que o processo de reestruturação no Sul do Brasil está relacionado com o crescimento dos setores tecnológicos e de conhecimento, concentradas principalmente nas áreas metropolitanas e seus polos urbanos vizinhos, configurando um processo de metropolização.

Apesar dessa concentração metropolitana de novos setores, cidades de médio porte se destacaram em relação a especialização em setores indústrias de alta e médias tecnologias em serviços intensivos em conhecimento. Um segundo ponto a ser destacado é as regiões que concentram o capital essencialmente nacional/regional. Aqui, há a transformação das regiões produtivas, onde algumas se especializam em serviços intensivos em conhecimento e indústrias de alta tecnologia (com um maior volume de capital concentrado nessas regiões, normalmente nas áreas metropolitanas) e outros se especializam em setores menos intensivos em conhecimento e baixa tecnologia (baixa concentração de capital, geralmente nas regiões mais periféricas).

Estes padrões representam novas geografias de atividades econômicas que estão fortemente relacionados com o processo de metropolização e para o reforço das regiões urbanas funcionais.

No entanto, por trás dessas novas tendências que refletem a globalização e alta integração dessas regiões em redes globais, algumas regiões mantêm a sua dependência em sectores tecnológicos mais baixos, como a produção primária, os setores das indústrias intensivas em trabalho na lógica fordista, atividades terciárias não especializadas, como o comércio, transporte e serviços e também os serviços públicos, representando "Velhas Geografias", uma vez que representam as estruturas setoriais e organizacionais tradicionais. Novas e velhas geografias estão coexistindo juntas em grande parte comandada pelo processo de urbanização do Sul do Brasil.

Referências bibliográficas

ALVES, Lucir Reinaldo. Indicadores de localização, especialização e estruturação regional. In. FERRERA DE LIMA, Jandir; PIACENTI, Carlos Alberto (Orgs.). **Análise regional: metodologias e indicadores**. Curitiba/PR: Camões, 2012.

CAMAGNI, Roberto. **On the concept of territorial competitiveness: sound or misleading?** Paper presented at the ERSA Conference, Dortmund, august 2002.

CAMAGNI, Roberto; CAPELLO, Roberta. Regional competitiveness and territorial capital: a conceptual approach and empirical evidence from the European Union, **Regional Studies**. V. 46, 2012, DOI:10.1080/00343404.2012.681640

CAPELLO, Roberta. **Regional economics**. London: Routledge, 2007.

CAVALCANTE, Luiz Ricardo Mattos Teixeira. Produção teórica em economia regional: uma proposta de sistematização. **Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 09-32, (2008).

CICIOTTI, Enrico. Innovation and regional development in a new perspective: the challenge for action in underdeveloped regions. **Progress in Planning**. V. 49, N. 3/4, pp. 133-144, 1998.

DICKEN, Peter. **Global shift: mapping the changing contours of the world economy**. 6 ed. New York, London: The Guilford Press, 2011.

HIRSCHMAN, Albert O. **Estratégia do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. (Edição original: 1958).

ALVES, L.R. & COSTA, E.S.M. da. Distribuição espacial das atividades ...

MARQUES DA COSTA, Eduarda. Tendências de localização das empresas de capital estrangeiro na década de noventa em Portugal Continental. In: PIRES, Iva Miranda. **A integração dos mercados ibéricos: um processo dependente e territorialmente diferenciado?** Lisboa: Universidade de Lisboa, CEG., 2008.

MARQUES DA COSTA, Eduarda. **Cidades médias e ordenamento do território: o caso da Beira Interior.** Dissertação (Doutoramento em Geografia - Planeamento Regional e Local). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2000.

MARQUES DA COSTA, Eduarda. **Reestruturação econômica e desenvolvimento local: o caso de Castelo Branco.** Dissertação (Mestrado em Geografia Humana e Planeamento Regional e Local). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1992.

MENDEZ, Ricardo. **Geografía económica: La lógica espacial del capitalismo global.** Barcelona: Ariel Geografía, 1997.

MYRDAL, Gunnar. **Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1960. (Edição original: 1957).

PERROUX, François. O conceito de Pólo de Desenvolvimento. In: SCHWARTZMAN, J. (Org.). **Economia Regional: textos escolhidos.** Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1977. (Edição original: Note sur la notion de pôle de croissance, 1955).

PIKE, Andy; RODRÍGUEZ-POSE, Andrés; TOMANEY, John. **Local and regional development.** New York, NY: Routledge, 2006.

PONTES, José Pedro; SALVADOR, Regina. A nova geografia económica. In. COSTA, José Silva; NIJKAMP, Peter. **Compêndio**

ALVES, L.R. & COSTA, E.S.M. da. Distribuição espacial das atividades ...
de economia regional: teoria, temáticas e políticas. Parede,
Portugal: Príncípia Editora, Lda. 2009.

PUMAIN, Denise.; SAINT-JULIEN, Thérèse. **L'analyse spatiale:**
localizations dans l'espace. Paris: Armand Colin, 1997.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; SILVA, Érica Tavares da;
RODRIGUES, Juciano Martins. Metrôpoles brasileiras:
diversificação, concentração e dispersão. **Revista Paranaense de
Desenvolvimento**, Curitiba, n.120, p.177-207, jan./jun., 2011.

SCOTT, Allen J.; STORPER, Michael. Regions, globalization,
development. **Regional Studies**, V. 37. 6&7, pp. 579-593,
Aug./Oct., 2003.

Recebido em agosto de 2012
Aceito em agosto de 2013